

COLETIVAS FEMINISTAS E SUAS LINGUAGENS MOVENTES.

CINCO ENTREVISTAS

COLECTIVA HILOS, BRIGADA DE PROPAGANDA FEMINISTA, LA PERRERA,
PAPEL.MULHER, LA LENGUA EN LA CALLE

Entrevistas por:

MABEL BOECHAT^{i*}

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

LUCIANA DI LEONE^{ii*}

ORCID 0000-0002-4944-5903

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

MARIANA AMERICANO^{iii*}

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

***LABORATÓRIO DE TEORIAS E PRÁTICAS FEMINISTAS**Traduções **LUCIANA DI LEONE**

Em outubro de 2017, as casas editoriais Muchas Nueces, El Colectivo e Chirimbote se juntam para publicar, na cidade de Buenos Aires, o livro *Vivas nos queremos - Campaña Gráfica*. É um livro sem autores. Um livro que recupera, em primeiro lugar, imagens de livre circulação, gravuras que se estampavam em muros e ruas públicas, ou em pequenas figurinhas que passavam de mão em mão, a partir de agosto de 2015 na Argentina. Além de alguns textos críticos, o livro traz o trabalho do coletivo mexicano MuGre (“Mujeres grabando resistencias”), considerando-o como precursor, e é acompanhado por um pequeno encarte onde se “ensina” a fazer gravuras destinadas a participar desse movimento proliferante e descentralizado, motorizado pelo lema #vivasnosqueremos. Desse modo, o livro nos propõe ver alguns tempos: o passado das colagens nas ruas cujas pegadas podem ser recuperadas, mesmo que parcialmente; o presente das gravuras ali colocadas; e um pequeno guia, ou manual de instruções que aponta, na sua performatividade, para um futuro, o que ainda está por se fazer.

Esses mesmos tempos múltiplos queremos mobilizar quando propomos a leitura destas entrevistas com várias coletivas de artistas/militantes mulheres, atuantes em diversos lugares da América Latina. São muitas as grupas (sim, em feminino) que colocam as suas linguagens e seus corpos em movimento nas ruas, e atuam há muito tempo. E, embora a gente saiba que as listas não são suficientes, que o mapa nunca chega a descrever o território, e que sempre operam exclusões, gostaríamos aqui de mencionar algumas dessas coletivas, atuantes em diferentes momentos destes últimos 50 anos:

Na Argentina, *Mujeres Públicas* (<http://www.mujerespublicas.com.ar>), *#Vivasnosqueremos* (<https://www.instagram.com/vivasnosqueremos/>), *Las AmAndAs - Teatro espontâneo* (<https://www.facebook.com/artivistaslaplata/>), *Colectivo Cromoactivismo* (<https://www.instagram.com/cromoactivismo/>), *Mediasombra Mural* (<https://mediasombramural.wixsite.com/muralismo/murales>), *Mujeres de Artes Tomar* (<https://www.mujeresdeartestomar.com.ar/>). Na Bolívia, *Mujeres Creando* (<http://mujerescreando.org/>). No Peru, *Trenzando Fuerzas* (<https://trenzandofuerzas.com/?v=5442d30ac10b>), *Amapolay* (<https://www.facebook.com/amapolay/>). No México, *Polvo de Gallina Negra*, *Colectivo Madre Araña* (<http://colectivomadrearana.blogspot.com>), *Tlacuilas e retrateras*, *Bio-arte*, *Producciones y Milagros* (<https://www.instagram.com/produccionesyMilagros/?hl=pt>), *Restauradoras com Glitter* (<https://www.facebook.com/restauradoras.glitterMX/>), *MuGRE Mujeres gravando resistências*. No Chile, *Colectiva Ser & Grafica* (<https://www.facebook.com/Serygrafica>), *Las Tesis* (<https://www.instagram.com/lastesis/?hl=pt>). No Brasil, *As filhas da mãe*; na Colômbia, a atuação dos vogueurs em manifestações públicas; no Uruguai, *ColectivaCO* (<https://colectivaco.com/>), e a lista poderia – deveria – continuar por todos os países do Caribe e Centro América. Um vasto arquivo de coletivas de mulheres ou dissidências que colocam diversas linguagens em movimento e na praça pública.

Olhando esse arquivo estranho, de produções quase inexistentes na sua forma material, achamos que é um trabalho necessário fazer uma recuperação ou reconstrução das suas ações, iluminadas pelos novos conceitos feministas. No entanto, esse trabalho requer tempo e mergulho nas pegadas do passado. Em lugar disso, decidimos que seria importante propiciar que algumas das coletivas contemporâneas pudessem deixar algumas pegadas, daí a decisão de fazer cinco entrevistas, com cinco coletivas de cinco cidades e países diferentes da América Latina: *Colectiva Hilos*, no México; *Brigada de Propaganda Feminista*, no Chile; *La Perrera*, do Peru; *Papel Mulher*, do Brasil; *La lengua en la calle*, da Argentina. Cinco entrevistas das quais quatro foram traduzidas para o português para facilitar os contatos e os atritos entre Brasil e os outros países da região, que sempre estão tão perto e tão longe. Cinco entrevistas que nos deixam ver materiais diversos, diversas origens, diversas ações, mas uma alegria comum pelo processo de produção mais do que pelo produto, uma emoção pelo momento do contato com a rua mais do que com a vitrine do artista, uma vertigem ao imaginar os espaços públicos que ainda esperam, a responsabilidade pela posição política, e a vontade de mudar tudo.

COLECTIVA HILOS (MÉXICO)

A Coletiva Hilos nasce em Guadalajara, no estado de Jalisco, no norte do México, país com uma longa trajetória nos levantamentos de mulheres e de artistas na luta contra a violência de gênero. A coletiva se define como interdisciplinar “reunida a partir do interesse comum no têxtil e na arte social”. O seu trabalho se tornou viral no contexto da pandemia com “Sangre de mi sangre”, tricô vermelho monumental que foi cobrindo, abrigando e simbolizando praças e monumentos em diversas cidades. O trabalho da coletiva pode ser acompanhado aqui <<https://colectivahilos.com/>> e aqui <<https://www.instagram.com/colectivohilos/>>.



- 1. Na América Latina, as práticas de intervenção estética ou artística nos espaços públicos têm uma longa trajetória, porém essa ainda é uma história pouco documentada. Na contemporaneidade, essas práticas, feitas por coletivas, artistas ou ativistas individuais, seja em graffitis, lambe-lambes, murais, performances, manifestações colaborativas ou microteatros, entre outros, têm mostrado uma forte vitalidade. Vocês identificam no trabalho de vocês uma relação com essa tradição ou identificam outras genealogias? Quando, como e por que surge a iniciativa?**

O projeto “Sangre de mi sangre” da coletiva Hilos toma uma ação e um material de uso doméstico no México, os descontextualiza, os retira do uso comum e os utiliza para torná-los parte de uma expressão artística que implica um protesto contra as gravíssimas violações dos Direitos Humanos que ocorrem no país, bem como um ritual de memória e cura pública e coletiva. No México são mais de 91 mil desaparecimentos, a maioria desde

1996 e um número incontável de feminicídios, em um país que disputa os primeiros lugares de impunidade no mundo.

2. Sabemos que, em um coletivo, nem todas as pessoas realizam exatamente os mesmos trabalhos, às vezes por domínios técnicos, outras por disposição afetiva, ou às vezes por eventos circunstanciais. Como são distribuídos os trabalhos entre vocês?

“Sangre de mi sangre” nasceu no final de 2019, em uma coletiva formada um ano antes, depois de uma doação de serapilheira. A coletiva já utilizava os têxteis como meio de expressão fundamental, e posteriormente surgiu a curiosidade de suas integrantes em relacionar desaparecimentos e feminicídios com a expressão artística, através de materiais doados. Desde então, tem sido um projeto colaborativo.



Na coletiva Hilos, os papéis são distribuídos de forma espontânea, solidária, orgânica e dialogada. Este e outros projetos surgem de acordo com as necessidades, bem como com as possibilidades e habilidades de suas integrantes, já que a maioria são mulheres e não vivem da arte.

3. Poderíamos dizer que nenhum material, nenhuma cor, nenhuma tipografia, nenhuma ferramenta, é a-histórica. Cada qual ao seu modo ativa uma narrativa, ou uma rede de referências e lembranças. Como vocês escolhem os materiais e as técnicas para realizar as intervenções?

Os materiais são escolhidos de acordo com o projeto. Ao longo da nossa história utilizamos fraldas de cânhamo, serigrafia, estampagem em lona sintética, vestidos de noiva... No caso de “Sangre de mi sangre”, utilizou-se primeiro a serapilheira vermelha que tinha sido doada. Posteriormente, as integrantes da coletiva optaram pelo uso da ráfia, devido à intensidade de sua cor, disponibilidade, custo, durabilidade e acessibilidade para mais pessoas. As técnicas também dependem de cada projeto. No caso de “Sangre de mi sangre”, a coletiva optou pelo crochê de dedo ou crochê de grampo, um ponto tradicional e antigo que permite muita liberdade de trabalho.



4. Em *Corpos em aliança e luta política*, Judith Butler aponta que os espaços públicos não são algo dado, mas de alguma forma performados enquanto espaços públicos pela reivindicação do direito a aparecer de subjetividades precarizadas. Mas também podemos levar em conta que as praças públicas carregam uma história, que o espaço compartilhado, ou estriado, nos coloca em um diálogo tenso com ela. Como vocês escolhem os momentos e os lugares, ruas ou praças, onde vão intervir?

Até agora, foram escolhidos lugares de grande significado social para a questão dos desaparecimentos e feminicídios e, no geral, para a cidade de Guadalajara, no México. Vão desde locais emblemáticos, algumas ruas durante atos de protesto, monumentos, museus, esculturas e galerias. É importante dizer que os lugares se expandiram, chegando em outras partes do país e até mesmo de América Latina, como El Salvador.



- 5. As intervenções de vocês poderiam ser pensadas como práticas políticas e estéticas democratizadoras, já que questionam de diversos modos os marcos institucionais da arte, das imagens, dos corpos e também das palavras. Ao mesmo tempo, essa política se posiciona com uma perspectiva feminista ou dissidente? Em quais elementos do seu trabalho vocês enxergam de modo mais forte essa contraposição ao modo patriarcal de circulação das imagens, dos corpos ou dos discursos?**

O modo como o tecido é utilizado, o têxtil que se utiliza e o fato de amarrar pessoas rompe com o fundo e as formas patriarcais de elaboração dos discursos. A intervenção no espaço público transgride as estruturas institucionais, patriarcais e indiferentes diante da impunidade.

- 6. No momento atual, as redes sociais são novas plataformas de comunicação para disseminar as práticas de intervenção, permitindo que elas sejam mais visibilizadas e registradas para públicos que não as acessaram presencialmente. Como a iniciativa de vocês se utiliza das redes sociais? Quais afetos e contatos esses espaços proporcionam em comparação com a rua?**

As redes sociais na internet são um complemento ao trabalho em conjunto. Elas fazem parte do nosso tecido coletivo. Desde o início nos serviram para informar,

compartilhar e divulgar nossas ações e gerar redes de apoio com outras pessoas e grupos. Graças a elas, nossos projetos de arte e protesto social têm viajado física ou virtualmente para outras cidades do México e até mesmo para outros países, como o Brasil.

7. A teoria feminista tem prestado especial atenção aos processos de reprodução, dos trabalhos de cuidados, muitas vezes invisibilizados. Isso tira o foco do produto, tão importante para o mundo capitalista, e também para a arte ao longo da modernidade. Percebemos que as intervenções de vocês se dão em um processo que não está centrado no produto final, porém, para vocês qual é a melhor parte dele: a preparação e a idealização das propostas, a ação de colocá-las nos espaços da cidade ou o efeito final que elas causam? E o produto final, que peso tem?

Todas as alternativas acima, em todos os casos. Uma das partes mais importantes é o funcionamento dessa coletiva, formada por mulheres muito diferentes. A coletiva é a metáfora de uma utopia coletiva. No seio do grupo é possível conciliar diferenças e somar habilidades em prol de um projeto comum mais amplo. Por que o mesmo não haveria de acontecer em um grupo social maior?

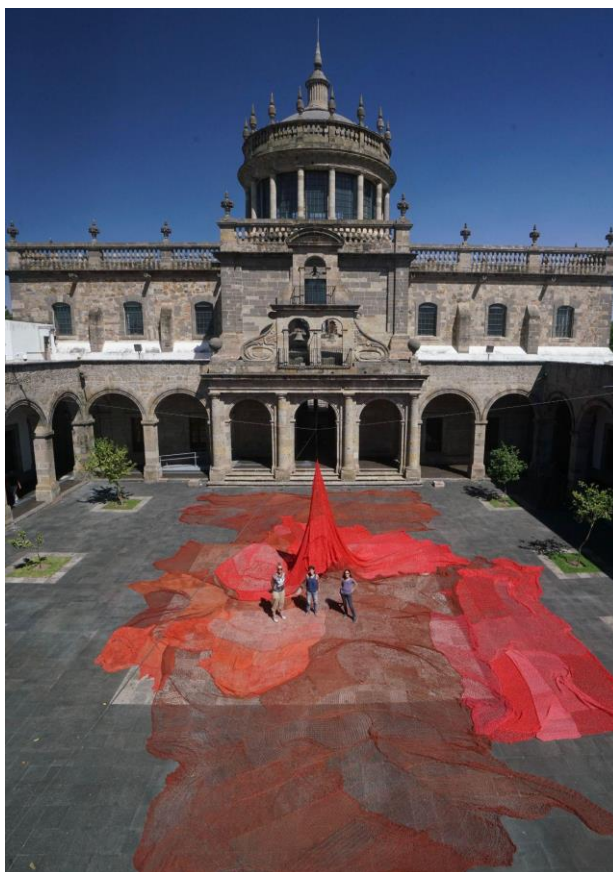


No caso de “Sangre de mi sangre”, todas as etapas têm grande valor. O tricô é um processo coletivo. O efeito final tem a ver com um protesto, que se transforma em ritual de acolhimento social e que se permite tecer face à dor. É o culminar de uma série de

processos que ocorreram graças a uma conjunção de vontades e energias para gerar ações de resistência social. A encenação é pouco habitual, porque - no caso de “Sangre de mi sangre” – a obra em exibição nunca é a obra acabada. Permanece em construção permanente, em diferentes pontos da cidade e até mesmo do país.

8. Com a pandemia da Covid-19, as manifestações em locais públicos foram dificultadas e foi necessário imaginar a rua e imaginar modos de estar nesse espaço público. Nesse momento, o que vocês sonharam? Em quais ruas vocês gostariam de chegar? Qual é o futuro que vocês imaginam hoje para a iniciativa?

Bem nos primeiros meses da pandemia, quando o confinamento era maior, a coletiva buscou outras linguagens e plataformas para continuar. Por exemplo, foi feito um vídeo silente para que as mulheres presas com seu agressor tivessem alternativas institucionais e coletivas de saída. Este vídeo inspirou grupos de mulheres em mais de 60 países e gerou uma reação viral, sendo reproduzido mais de um milhão de vezes por semana. Sonhamos e estamos trabalhando para espalhar a trama do “Sangre de mi sangre” por todo o país e transcender fronteiras.



9. Por último, gostaríamos que esta entrevista também nos permitisse tecer redes e pontes entre mobilizadores de linguagens. Que coletivas ou artistas, sejam de intervenção na rua ou presentes nos espaços dos museus, são fontes de diálogo ou referências para vocês?

Entre nossas referências estão as *Guerrilla Girls*, as *Restauradoras com Glitter*, *Aquellarre Cihuacóatl*, *Shilpa Gupta*, *Polvo de Gallina Negra*.

BRIGADA DE PROPAGANDA FEMINISTA (CHILE)



Em julho de 2015, no marco da manifestação pela legalização do aborto em Santiago de Chile, nasce a agrupação Brigada de Propaganda Feminista, autodefinida como artístico política. Realiza intervenções com serigrafias artesanais nas ruas, principalmente no contexto de manifestações ou eventos políticos de visibilidade. O trabalho da coletiva, que se organiza de modo assembleário, pode ser acompanhado aqui: <https://www.instagram.com/brigada_propaganda_feminista/>.

1. (...) Vocês identificam no trabalho de vocês uma relação com essa tradição ou identificam outras genealogias? Quando, como e por que surge a iniciativa?

No Chile, existe uma longa tradição de cartazes e propaganda política. Somos depositárias principalmente das ferramentas e perspectivas gráficas de tudo o que foi a proposta estética da Unidade Popular, traços simples, mensagens claras e com ênfase na reprodução massiva do material. Além disso, durante a ditadura cívico-militar chilena, comandada por Pinochet, as mulheres (Mujeres por la vida, Boletina feminista, principalmente) se organizavam para produzir propaganda, fanzines e boletins. A propaganda tinha que ser eficiente, de baixo custo e com muita reprodução já que era

passada de mão em mão de forma clandestina. Essas experiências fazem parte de uma tradição gráfica, de rua, que nos marcou como coletiva de propaganda.



2. (...) Como são distribuídos os trabalhos entre vocês?

No geral, o trabalho é bastante coletivo, discutimos os assuntos em assembleias e as atividades são separadas de acordo com os tempos e disposições daquele momento. Escutamos muito os nossos corpos, energias e desejos, por isso não nos obrigamos a produzir propaganda se não houver tempo ou ânimo. Acreditamos que é uma prática profundamente feminista.

3. (...) Como vocês escolhem os materiais e as técnicas para realizar as intervenções?

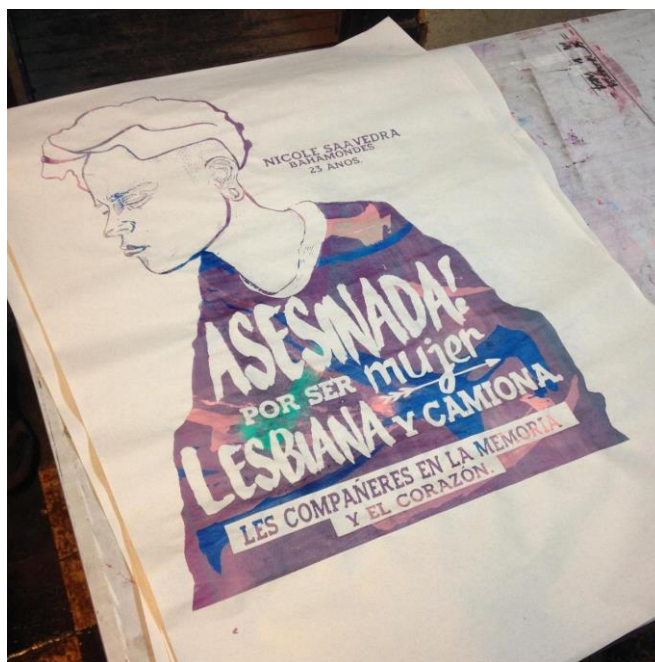
O nosso interesse é a massividade, por isso o nosso material é de baixo custo. Utilizamos a serigrafia fotogravada como ferramenta porque ela nos permite reproduzir grandes quantidades de cartazes de forma rápida e a moldura e o design podem transitar por diferentes territórios e comunidades. Os materiais também são escolhidos para resistir a rua, a tintas escuras e a papéis grandes que tenham uma boa aderência nas paredes (baixa gramatura). Procuramos que eles se reproduzam rapidamente, com baixo custo e que

resistam à rua. A ideia é que a ferramenta de serigrafia e propaganda possa ser usada e aprendida por todes.



4. (...) Como vocês escolhem os momentos e os lugares, ruas ou praças, onde vão intervir?

Historicamente, nossas intervenções foram no marco de datas significativas para o movimento feminista no Chile e no mundo - 8 de março (dia das mulheres trabalhadoras); 25 de julho (dia do aborto gratuito no Chile e mulheres afro e da diáspora); 25 de novembro (dia contra a violência contra as mulheres - as intervenções são realizadas principalmente no âmbito das passeatas e manifestações dessas datas). Além disso, nossos cartazes e desenhos são de acesso livre para que possam ser usados em qualquer território e em qualquer grupo. Também temos realizado oficinas em diferentes espaços, com vizinhas, feministas dos bairros, estudantes do ensino médio, mulheres mapuche, com o interesse de que a propaganda seja descentralizada. O objetivo é que as ruas se encham de propaganda, inundando o espaço público de perguntas e questões e na disputa por esse espaço que historicamente nos foi negado.



5. (...) Em quais elementos do seu trabalho vocês enxergam de modo mais forte essa contraposição ao modo patriarcal de circulação das imagens, dos corpos ou dos discursos?

Em um mundo em que o design é masculinizado e individual, acreditamos que é fundamental o trabalho coletivo das imagens, e as redes sociais têm promovido isso, uma única pessoa em casa criando e postando nas redes se torna viral. Trabalhar todos os processos, coletivamente e por consenso, é profundamente feminista. Em relação a esse mesmo processo coletivo, as imagens que estão presentes em nossa propaganda são contra-hegemônicas. Nós nos parecemos com as pessoas dos lambes, os temas que desenhamos e reproduzimos nos atravessam.

Atacamos as curadorias dos grandes museus patriarcais colocando as ruas no centro como a grande tela dos povos, é um espaço de criação coletiva, mas também de intervenção das pessoas que se sentem interpeladas nas ruas e podem riscar o próprio lambe.



6. (...) Como a iniciativa de vocês se utiliza das redes sociais? Quais afetos e contatos esses espaços proporcionam em comparação com a rua?

As redes sociais são uma ferramenta que utilizamos para divulgar o nosso trabalho, mas não é um espaço no qual colocamos muita energia. Entendemos que as dinâmicas das redes sociais mudaram principalmente na pandemia, mas priorizamos a rua e esses espaços de encontro. Usamos as redes como um espaço de divulgação secundário para algumas datas importantes.

7. (...) Para vocês qual é a melhor parte [do processo de intervenção]: a preparação e a idealização das propostas, a ação de colocá-las nos espaços da cidade ou o efeito final que elas causam? E o produto final, que peso tem?

Nosso momento favorito é a discussão dos lambes: o que destacar? Qual é a mensagem? Porque é um momento de criação, de partilha do sentir e de experiências onde nos fortalecemos e espelhamos as biografias das companheiras. Compreender que não estamos sozinhas e que construímos um espaço íntimo de pena, mas também de resistência e raiva, que nos permite nos mobilizar. Também curtimos o ato performático de sair para colar os lambes, porque nos movemos como manada, cuidamos umas das outras e nos apropriamos das ruas, nos sentimos seguras e sem medo.



8. (...) No contexto da pandemia de Covid-19, o que vocês sonharam? Em quais ruas vocês gostariam de chegar? Qual é o futuro que vocês imaginam hoje para a iniciativa?

No período da pandemia, pausamos o ativismo, escutamos os processos coletivos e individuais de todas, por isso decidimos ser mais calmas e não pressionar processos criativos em momentos tão incertos como foi o da pandemia. Hoje, às vésperas de uma eleição presidencial, nos reunimos novamente para fazer propaganda contra um desses candidatos que poderia ser o próximo presidente do Chile. Estamos nos rearmando para tomar as ruas contra o fascismo, e o avanço da ultradireita conservadora no Chile e em toda Abya Yala. Essas raivas contra os discursos de ódio nos mobilizaram novamente, estamos trabalhando na propaganda antifascista e, para o futuro, essa é uma linha que queremos aprofundar, pois entendemos que o avanço conservador não para com uma eleição presidencial.

9. (...) Que coletivas ou artistas, sejam de intervenção na rua ou presentes nos espaços dos museus, são fontes de diálogo ou referências para vocês?

Estamos atentas ao que diferentes coletivas estão fazendo nos territórios, grafiteiras e artistas gráficas que utilizam os espaços públicos, *Deixa ela em paz* no Brasil, *queer*

screen printers, mujeres públicas e a iniciativa *Vivas nos queremos* na Argentina, a proposta de *resistimos a la guerra* na Colômbia, *Mujeres creando* na Bolívia e o que faz *Lesbiciosas* e a *Brigada Laura Rodríguez* no Chile. Não temos referências em museus, não viemos desse mundo, pouco sabemos sobre ele.

LA PERRERA - NATALIA IGUÍÑIZ (PERU)



La Perrera foi uma coletiva artística formada por Natalia Iguíñiz – quem respondeu a esta entrevista, e cujo trabalho individual continua várias das opções estéticas e políticas já encenadas ali - e Sandro Venturo, atuante na cidade de Lima, Perú. Entre 1999 e 2004, contexto do fim da ditadura fujimorista e da importância da manifestação da sociedade civil na recuperação democrática, eles desenvolveram diversas intervenções na rua que tiveram forte resposta na opinião pública. O primeiro trabalho foi Perrahabl@, uma intervenção que denunciava a violência sexual, que acabou por ter respostas dentro do próprio movimento feminista mais institucionalizado, assim como no próprio parlamento, e no Ministerio Público e Ministerio de la Mujer y Desarrollo. Esse trabalho foi a porta de entrada para que a coletiva tomasse contato e começasse a produzir muitas das suas intervenções em diálogo com grupos de direitos humanos, ecologistas e feministas. Entre outras, *La Perrera* realizou intervenções acerca do maltrato das empregadas domésticas (*Excluidas*, 2002), das relações de poder no casamento (*Quién manda a quién*), da exploração ambiental (*Queremos vivir así*, 2002), das políticas de saúde conservadoras e exploratórias das mulheres (*Ministro cumpla*, 2002), e da propaganda sexista (*Consumidora o consumida*, 2004). As documentações dessas fizeram parte de exposições em vários museus do mundo. Para mais informação sobre a coletiva e sobre o trabalho solo de Natalia Iguíñiz: <https://www.museoreinasofia.es/en/multimedia/natalia-iguiniz>

1. (...) Vocês identificam no trabalho de vocês uma relação com essa tradição ou identificam outras genealogias? Quando, como e por que surge a iniciativa?

O coletivo *La Perrera* iniciou suas intervenções com uma ação/escultura social chamada perrahabl@ em 1999, ano em que infelizmente ainda sabíamos pouco sobre o

que se fazia na América Latina e em outras regiões do nosso próprio país. Tínhamos algumas referências do norte, como Barbara Kruger, e experiências locais ligadas à Pedagogia Popular de coletivos e partidos de esquerda e Direitos Humanos (alguns deles sim com redes em América Latina), mas talvez a referência mais importante no nível da produção, de estética e de distribuição era o que no Peru é chamado de Gráfica Chicha. Segundo alguns críticos, o “cartaz chicha” é uma mistura da tipografia psicodélica setentista e do cromatismo têxtil típico do planalto central peruano. É chamado de “chicha” porque surgiu como meio de propaganda para os shows de bandas de *cumbia*, um gênero musical que era chamado depreciativamente de “Chicha”. Esses cartazes, assim como as bandas que promoviam, se espalharam por outros países da região. Outra referência importante é o trabalho que Jesús Ruíz Durand realizou na Reforma Agrária entre 1968-1973, que por sua vez tem pontos de contato com o trabalho de Taller 4 Rojo na Colômbia.



2. (...) Como são distribuídos os trabalhos entre vocês?

Enquanto trabalhávamos no coletivo Sandro Venturo (sociólogo e comunicador) e [eu], Natalia Iguíñiz (artista visual, designer e professora), cada um se relacionava com

coletivos ou problemáticas mais próximas de um ou de outro. Para mim, o gênero e a sexualidade; para Sandro, mais as questões de cidadania e democracia. Mas em geral íamos trabalhando com agrupações feministas e de direitos humanos.

3. (...) Como vocês escolhem os materiais e as técnicas para realizar as intervenções?

Existe um debate sobre de onde vem o cartaz Chicha, nós trabalhamos com dois pioneiros mas é, em suma, uma história ainda pendente. Por um lado, Fortunato Urchugaranga (serigrafia Viusa) sustenta que a singularidade e combinação das cores chicheros foram inspiradas nos teares dos Mantaro, utilizando as tintas fosforescentes dos sinais de trânsito. O Senhor Mendoza (serigrafia Vanessa), por outro lado, relaciona o uso dessa paleta à eficácia que encontrou na tinta fosforescente que virou moda nos anos oitenta e sua fusão com a iconografia dos *cumbiamberos*. Assim, não apenas garantia a venda de cerveja nos shows, como acabou se tornando um grande promotor desses espetáculos. Seguindo suas experiências, é possível reconhecer como esse cartazismo (*afichismo*) gerou novas formas de comunicação dentro de um circuito cultural migrante. Se considerarmos seus baixos custos e seu alto impacto de difusão, perceberemos que é uma forma de propaganda “alternativa”. E ainda, percorrendo as principais avenidas, percebe-se que sua eficácia e protagonismo concorrem seriamente com as estratégias convencionais de publicidade.



Sua eficácia e vigor nos levaram a aprender da sua visualidade, sua materialidade, seu modo de produção e sua rede de distribuição, nos inserimos no circuito *chichero* e também no do rock. Nós chegamos a trabalhar com sindicatos de trabalhadoras domésticas que lutaram por uma regulamentação para proteger seus direitos trabalhistas; com comunidades agrícolas que expulsaram mineradoras despreocupadas com a sustentabilidade rural; com feministas e profissionais de saúde que encurralaram ministros que desenharam políticas conservadoras de saúde reprodutiva; com ativistas de direitos humanos que conseguiram reverter o favoritismo social que protegeu Fujimori e seus aliados por quase cinco anos. Tudo isso sempre em trabalho colaborativo com sindicatos, ONGs, associações e coletivos diversos.

4. (...) Como vocês escolhem os momentos e os lugares, ruas ou praças, onde vão intervir?

Enquanto o Colectivo *La Perrera* trabalhava, as principais áreas de ação eram aquelas já utilizadas pelas redes de publicidade de rua, avenidas e esquinas de muita movimentação, muitas nas paradas de ônibus e kombis. Além disso, utilizamos a Internet como uma segunda via que favorece espaços de comunicação desterritorializados. Manuel Castells, referindo-se a uma nova compreensão da estrutura urbana, onde o espaço perde seu significado exclusivamente territorial, entende a cidade como um espaço de fluxos, onde se articulam materialmente práticas simultâneas no tempo. Assim, o e-

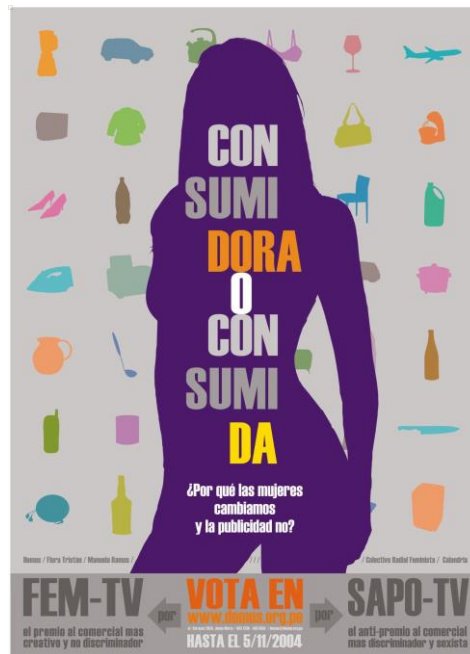


mail, e posteriormente o website, permitiram-nos recolher algumas das opiniões e reações suscitadas. Também conseguimos gerar plataformas de discussão e encontros nessa outra dimensão das tele-relações pessoais. A praça já não é o principal espaço de encontro, mas existem outras “praças”, físicas e virtuais, paralelas e complementares. A rua e a internet foram, em nossos projetos, espaços de ação. Intervimos para conhecer pessoas, para além das esferas artísticas, e provocar ligações. Isso significa atuar em alguns circuitos e não em outros, afetando determinados fluxos de comunicação e não outros, segundo o objetivo político que se procura.

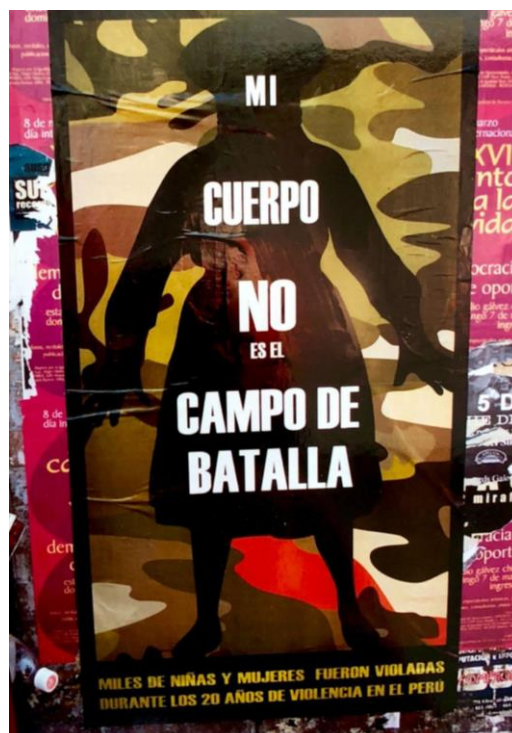


5. (...) Em quais elementos do seu trabalho vocês enxergam de modo mais forte essa contraposição ao modo patriarcal de circulação das imagens, dos corpos ou dos discursos?

Como coletivo fizemos o Perrahab@, nessa primeira intervenção o que nos levou às ruas foi a necessidade de ampliar a discussão. Os espaços artísticos no Peru, com poucas exceções, não têm uma abrangência maior no debate político nacional. Mais do que questionar a cena artística local, naqueles anos o que queríamos era entrar no debate. Parte disso implicava sair do que se entendia como arte, já que isso desviava a atenção para se era ou não arte ou quem eram xs artífices.



A gráfica urbana nos permitiu permanecer no anonimato, descontextualizar a violência patriarcal e gerar um diálogo por toda a cidade (depois foi estendido à mídia e à esfera jurídica), ironicamente abriu um canal pouco explorado na época... Depois ou paralelamente eu trabalhei em “Ministro cumpla”, “Somos la excepción”, “Mi cuerpo no es el campo de batalla”, “Calzón”, “Cuerpos libres”, “Me encanta ser mujer”... e intervenções como “Buscando a María Elena” e “Dejo este cuerpo aquí”...



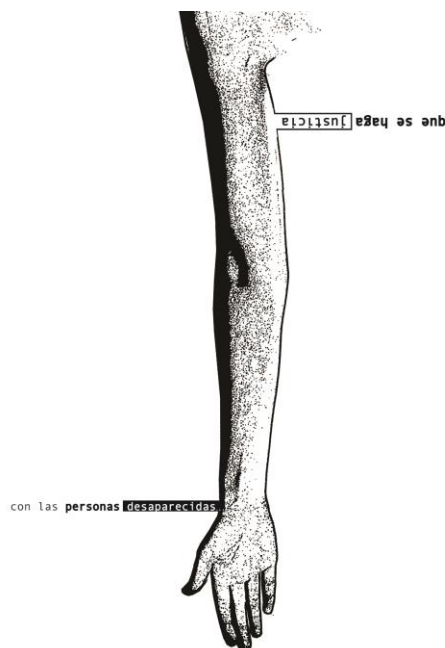
6. (...) Como a iniciativa de vocês se utiliza das redes sociais? Quais afetos e contatos esses espaços proporcionam em comparação com a rua?

Na época em que *La Perrera* trabalhava não havia redes sociais.

7. (...) Para vocês qual é a melhor parte [do processo de intervenção]: a preparação e a idealização das propostas, a ação de colocá-las nos espaços da cidade ou o efeito final que elas causam? E o produto final, que peso tem?

A questão é interessante porque o coletivo se dissolveu quando tivemos filhxs e eu me dediquei de forma mais concentrada à maternidade... Foi muito duro para mim esse momento porque eu estava acostumada a estar na rua... Aos poucos minha experiência do trabalho reprodutivo e de cuidados foi se politizando e foi às ruas... Agora está mais claro para mim que o capitalismo patriarcal não seria possível sem a divisão entre o trabalho reprodutivo feminizado gratuito e subordinado. Eles não são apenas invisibilizados, mas multiplicam a vulnerabilidade de quem os exercemos. Grande parte do meu trabalho expõe e denuncia os discursos e práticas que buscam perpetuar essa divisão hierárquica do trabalho.

Em relação ao processo e metodologia de trabalho, não há uma forma definida ou uma etapa específica que eu prefira. Cada projeto teve variáveis, processos, colaborações e resultados diversos. Acho que é isso do que eu mais gosto.



8. (...) No contexto da pandemia de Covid-19, o que vocês sonharam? Em quais ruas vocês gostariam de chegar? Qual é o futuro que vocês imaginam hoje para a iniciativa?

O coletivo *La Perrera* parou de funcionar muito antes da pandemia. Com meu projeto pessoal trabalhei na intervenção e exposição de *Deixo este corpo aqui* (2020), este trabalho teve três partes:

(a) O primeiro é um arquivo de fotografias, retiradas da internet, que retratam diversos usos do papelão para postar mensagens, protestar, pedir ajuda ou para se abrigar do tempo. Esse material pretende ser uma espécie de estado da arte ou estado da questão. Como forma de mostrar de onde parte, onde se nutre e, finalmente, a quem se deve o trabalho.



(b) A segunda é a documentação fotográfica da intervenção no espaço público. É apresentada uma seleção do registro: 150 caixas foram instaladas em 12 distritos de Lima e Callao.

(c) Por fim, a terceira parte é uma instalação com peças de papelão, como as que foram colocadas em várias ruas da cidade, mas gerando um conglomerado no qual as partes do corpo serigrafadas sobre o papelão não conseguem articular um corpo unitário.

Nas cidades, o papelão está ao alcance de todos, fazem parte do nosso cotidiano embalado. Ele leva, traz e são lixo, como nossos corpos quando adoecemos, quando

empobrecemos, quando somos descartadas, violadas, esterilizadas, mutiladas, queimadas... e ao mesmo tempo o papelão está aí para nos abrigar e carregar nossas mensagens mais desesperadas e nossa raiva. O papelão utilizado na intervenção foi recolhido e reciclado do consumo familiar ou de armazéns e ruas durante a pandemia. Depois foi serigrafado com três partes do corpo de uma mulher e acompanhado por frases retiradas dos *Diários do Câncer* de Audre Lorde e algumas frases minhas.

O trabalho partiu da precariedade, da desesperança, da falta de opções, do cansaço, da impotência, do fato de ter esgotado todos os recursos, quando não resta mais nada a não ser deixar evidências; como se isso pudesse fazer alguma coisa mudar ou simplesmente como resistência à resignação. Esta espécie de “última esperança” se auto-sabota ao colocar-se, nas ruas, em zonas de difícil acesso e leitura. O material é perecível e os textos não são claros.

PAPEL MULHER (BRASIL)



É uma Coletiva feminista descentralizada que “lambe as ruas com poesia de mulheres”, pegando cartazes com frases tiradas de poemas de escritoras brasileiras ou estrangeiras. Surgiu em 2021, no Rio de Janeiro, mas tem se espalhado, pela sua própria proposta que se alicerça na possibilidade de transmissão digital e a reprodução seriada, de baixo custo, por muitíssimas cidades do Brasil. As integrantes da coletiva estão sempre em processo de crescimento, embora tenha um núcleo mais ou menos definido, já que é suficiente com colar cartazes para fazer parte do Papel Mulher. A coletiva foi representada para dar as respostas a esta entrevista por Alexandra Maia, Jessyka Ribeiro, Julyana Mattos e Manuella Lopes. É possível acompanhar as ações nas ruas mas também aqui: <<https://www.instagram.com/papel.mulher/>>.

1. (...) Vocês identificam no trabalho de vocês uma relação com essa tradição ou identificam outras genealogias? Quando, como e por que surge a iniciativa?

O início da coletiva Papel Mulher está fortemente ligado a essa tradição latino-americana de intervenções urbanas, em especial com a apropriação e uso dessas práticas por coletivos feministas, como é o caso da *Mujeres Creando* na Bolívia, ou *Mujeres Públicas* na Argentina ou ainda o *Feminicidade* no Rio de Janeiro, entre outros. Isso porque o projeto da Papel Mulher foi criado pela nordestina Alexandra Maia como um trabalho final de uma disciplina de pós-graduação em literatura, ministrada pela professora Luciana di Leone, sobre coletivas feministas da América Latina. Então, ter

contato com a ideia de que era fácil, ou se não fácil, mas talvez possível, como também saber que outras mulheres já o estavam fazendo, apesar dos riscos, foi importante para a Papel Mulher ser pensada e materializada. Com o projeto em mente Alexandra Maia fez chamados no seu Instagram pessoal e para amigas mais próximas para ajudarem a construir a coletiva, entre elas a paraibana Jessyka Ribeiro e a carioca Julyana Mattos. Foi assim que em fevereiro de 2021 a Papel Mulher foi às ruas com cerca de quinze mulheres e com suas primeiras ações em duas cidades: Rio de Janeiro (RJ) e Campina Grande (PB). Com a entrada de mais mulheres as referências também vão se tornando mais diversas, pois cada mulher traz um pouco de suas referências para Papel. Foi assim que, hoje, por exemplo, também enxergamos na coletiva forte influência de alguns movimentos, como a ação política da cultura punk rock com seu estilo do it yourself (faça você mesma). A Papel Mulher é uma coletiva feminista e anticapitalista e queremos mostrar mulheres que elas podem realizar qualquer trabalho. Nós mesmas produzimos tudo, desde a escolha das frases que vão para os lambes, produção dos lambes até a compra do material de impressão. Aqui são nossas mãos que realizam os trabalhos e a produção do nosso material.



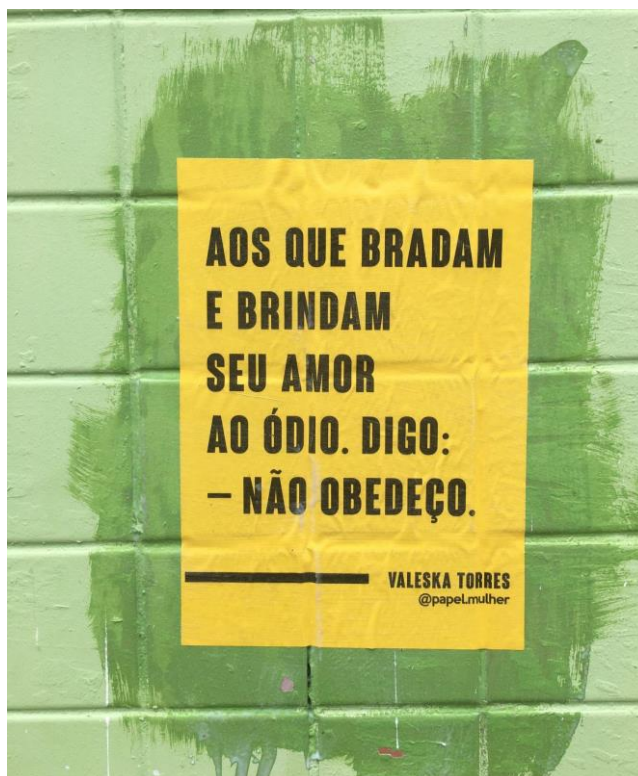
2. (...) Como são distribuídos os trabalhos entre vocês?

Hoje a Papel Mulher é uma coletiva com muitas mulheres, atualmente no nosso grupo de whatsapp temos cerca de 180 mulheres de diferentes cidades, embora saibamos que nem todas já colaram. Nesse grupo geral soltamos informações sobre a coletiva, informações sobre colagens, a ideia é que todas as mulheres que estejam nesse grupo maior colem lambes. Temos grupos menores que se dividem em curadoria, organizado por Julyana Mattos, mulheres que fazem o Lambe Digital, organizado por Alexandra Maia, mulheres do Audiovisual, organizado por Vanessa Pessoa e um grupo organizacional, coordenado por Alexandra Maia composto por 9 mulheres que acompanham mais de perto questões de importância para a coletiva. Também temos grupos regionais, onde as mulheres da região e/ou cidade podem se organizar para as ações de colagem. Nesse processo é importante destacar que desde o início o projeto da Papel Mulher foi pensado para ser uma coletiva descentralizada, que atuasse em muitas cidades do país. Essa descentralização se estende à curadoria de autoras que têm os poemas colados na rua e também ao próprio funcionamento da coletiva, assim, não há um direcionamento, por parte da organização, de qual lambe deve ser colado, justamente por entendermos que a escolha do poema a ser colado diz respeito à subjetividade da mulher que cola, como também à sua vivência na cidade no bairro, na rua na qual ela vai colar. Esse espaço para escolha tem como intenção que os lambes e suas frases abarquem e abracem os mais diversos corpos, discursos, luta(s), ruas, cidades e bairros.



3. (...) Como vocês escolhem os materiais e as técnicas para realizar as intervenções?

O lambe foi escolhido como ferramenta para as intervenções da coletiva por muitos motivos. O lambe é uma forma barata e mais segura de se fazer intervenções, uma vez que é menos permanente e menos criminalizada que outras práticas tais como pichações ou grafites, é ainda mais viável, afinal seria muito difícil escrever todos os poemas à mão. Com o Lambe conseguimos também um número grande de reproduções, assim colamos muitas vezes o mesmo lambe, em diferentes lugares, o que nos permitiu crescer de uma forma muito rápida. Consideramos também significativo o lambe ser um papel, quase sempre o mesmo papel presente nos livros, de modo que o lambe-lambe, para nós, seria como tirar esses poemas dos livros e levá-los para rua, onde mais pessoas tem chance de ser atravessadas pelo poema. Temos conhecimento de que a literatura é ainda restrita a certos espaços e a certas classes sociais e é um dos nossos objetivos mudar essa realidade, a poesia devia ser de todas/es/os que precisem dela. No que diz respeito à identidade visual dos nossos lambes, no início definimos que uma das nossas principais preocupações era que os lambes fossem coloridos para que se diferenciasssem dos cinzas que reinam nas cidades e que são premissa de políticas de higienização como as que acontecem em São Paulo, principalmente no Governo do Dória e as que têm acontecido recentemente no Rio de Janeiro, onde muito de nossos lambes tem sido pintados com tinta cinza. Para além de contrastar com essa ideia de higiene, o lambe colorido chama atenção e, acreditamos, passa uma imagem um pouco mais alegre e todos estamos precisando de um pouco de alegria, não é mesmo? Já a tipografia é pensada para se impor, para captar os olhos da pessoa que passa, para isso temos um trabalho constante de curadoria para conseguir trechos curtos para captar os olhos das pessoas que passam nos ônibus, carros, bicicletas, a pé, mas que ainda representem a ideia que a autora passou em um poema ou texto maior.



4. (...) Como vocês escolhem os momentos e os lugares, ruas ou praças, onde vão intervir?

Nós já puxamos ações que pensavam especificamente o lugar e sua história, citamos algumas, para exemplificar. Em 8 de julho de 2021 Kathen Romeu foi assassinada no Complexo do Lins, Zona Norte do Rio de Janeiro, durante uma ação da Polícia Militar. No dia seguinte, durante um ato em manifestação ao assassinato, colamos lambes com frases que expunham a necropolítica por trás do discurso de “bala perdida”, colamos no centro do Rio de Janeiro e também na Comunidade do Lins. Outra ação que tivemos foi na semana da Luta Antimanicomial, na qual colamos lambes com fragmentos de poemas de Stella do Patrocínio no bairro de Jacarepaguá no Rio de Janeiro, onde a mesma viveu e morreu, internada à força em um manicômio, onde hoje é o museu do bispo do Rosário. Nessa data também colamos lambes com fragmentos de escritos de Maura Lopes Cançado na região do bairro Glória, também no Rio de Janeiro, onde a mesma viveu um tempo hospedada no Hotel Glória antes de, voluntariamente, se internar no Hospício Engenho de Dentro. Em Campina Grande, na Paraíba, realizamos ações de colagem de lambes das Ceguinhas de Campina Grande, um trio de cantoras que fez muito sucesso no começo da

década passada quando sua história foi contada em filmes. Realizamos as colagens pelo centro da cidade, onde as irmãs costumavam se apresentar.

Portanto, já tivemos ações que pensavam e problematizavam o lugar de uma forma mais coletiva, muitas vezes relacionada à história de alguma mulher, escritora ou não, e aquela rua, aquele local, mas majoritariamente colamos em lugares nos quais as histórias dizem respeito à subjetividade de cada mulher que venha a colar. Como já foi explicitado, nossas ações são descentralizadas, então na maioria das vezes as mulheres da coletiva que decidem onde querem colar e sabemos que isso diz respeito à realidade e história delas. Toda rua é nossa, é muito certo supor que toda rua tem uma história de mulher não contada, muitas vezes silenciadas por placas que sinalizam nomes de homens. Portanto, conforme a Butler coloca no seu livro, existe um dispositivo capaz de produzir alguns discursos sobre a necessidade social destes corpos de se movimentarem nas ruas, dando eco a outra concepção democrática no espaço público. Estamos nas ruas, manifestamos as ruas, queremos todas as ruas. Pensamos que a democracia e a vontade popular são bases importantes de resistência democrática e de diversos outros modos de pensar.



5. (...) Em quais elementos do seu trabalho vocês enxergam de modo mais forte essa contraposição ao modo patriarcal de circulação das imagens, dos corpos ou dos discursos?

Acreditamos que nos posicionamos com perspectivas feministas e dissidentes, feministas porque temos como objetivo principal espalhar a escrita de mulheres que estão falando sobre diversos temas relativos às suas mais variadas vivências, ou seja, a coletiva Papel Mulher entende que seus atos se posicionam em um processo de disputa de narrativa e, por consequência, imaginário. O ato de tirar essas palavras do ambiente doméstico e levar para a rua já é em si mesma uma prática feminista, é colocar a mulher na rua, visível, a mulher e as suas palavras. Ruas que por muitos anos não foram consideradas espaços para nós e que ainda hoje é lugar no qual somos silenciadas, violentadas, assediadas... Ruas que são cheias de nossas histórias, mas que carregam em sua maioria nomes de homens. Colar o lambe seria quase um grande grito coletivo, entendendo o grito como essa prática de aumentar a voz para chegar em mais pessoas e, não tem como não pensar que essa política é uma política feminista de ocupação de espaço, discurso e imaginário. Acreditamos que também somos dissidentes por entendermos por dissidente tudo que diverge à norma e a norma na literatura sabemos qual é: masculina, branca, elitista em sua maioria. Para além dessa divergência ao cânone, há também uma divergência na própria ideia de cânone, o qual busca pela eternização de obras ou autores, já que o lambe-lambe possui um tempo de vida curto. Portanto, colamos e lutamos por uma narrativa que diverge da norma. Nossa curadoria é pensada e avaliada para que traga a diversidade da possibilidade de ser e, conseqüentemente, de discursos. Já focamos em curadoria de mulheres lésbicas, bissexuais, negras, nortistas, travestis, transexuais, indígenas e também pessoas não binárias. Sempre estamos abertas a focar nossa curadoria em outros corpos. Acreditamos que o momento de ir à rua para a colagem dos poemas-lambes seja o momento que mais nos contrapomos ao sistema patriarcal e heteronormativo, seja porque movimentamos nossos corpos por ruas que não trazem nossos nomes, seja porque praticamos intervenção urbana (uma prática que por muitos anos foi majoritariamente masculina).



6. (...) Como a iniciativa de vocês se utiliza das redes sociais? Quais afetos e contatos esses espaços proporcionam em comparação com a rua?

As redes sociais nos ajudam de diferentes formas. É através do WhatsApp, por exemplo, que conversamos e trocamos ideias. Foi através do nosso Instagram que conseguimos chegar em outras mulheres de diferentes cidades que toparam colar com a Papel Mulher. Temos muito cuidado para lembrar para todas/es integrantes da coletiva que o nosso meio de ação é a rua, no entanto, reconhecemos que só conseguimos ser do tamanho que somos hoje por conta das redes sociais. É através delas também que vendemos alguns de nossos produtos, visando manter um caixa que sirva para ajudar mulheres que querem colar, mas não possuem meios financeiros para arcar com materiais. Esse caixa também pode vir a para pagar uma possível fiança, caso alguma integrante da coletiva seja apreendida colando, já que em algumas cidades o lambe-lambe é considerado infração, passível de apreensão policial. Nos sentimos mais seguras com o alcance de nossas redes também, pois pensamos que, se um dia precisarmos de ajuda, teremos um meio que nos possibilita contato com muitas pessoas. Outra coisa importante sobre as redes é que é através delas que nos chegam reações da rua. Já recebemos diversas mensagens de mulheres e até homens que estavam passando para o trabalho ou para a casa e se depararam com um dos lambes e que entraram na nossa página para agradecer ou falar sobre a importância de ter sido atravessada por aquela poesia. Isso é interessante

porque muitas vezes não é possível recebermos essas reações no momento da colagem, e podemos ter mais consciência do impacto das nossas intervenções.



7. (...) Para vocês qual é a melhor parte [do processo de intervenção]: a preparação e a idealização das propostas, a ação de colocá-las nos espaços da cidade ou o efeito final que elas causam? E o produto final, que peso tem?

É unânime na coletiva que a colagem nas ruas é o nosso momento preferido, o estar na rua. A coletiva nasceu na pandemia, no governo Bolsonaro, em um momento que muitas de nós estávamos cansadas de continuarmos caladas em casa, gritando apenas em nossas redes pessoais. A coletiva nasce de uma vontade de ocupar, de transformar as ruas, então estarmos na rua, munidas de nossas poesias-grito é de extremo significado para todas nós. No entanto, na construção da coletiva, outros espaços também foram tomando uma importância que não imaginávamos no começo, é o caso das nossas reuniões mensais com as integrantes da coletiva. Nelas percebemos que muitas mulheres que escreviam por anos não se reconheciam como escritoras, não tinham coragem de mostrar seus escritos. Foi uma surpresa perceber que essas reuniões viraram momentos de fortalecimento de muitas delas, que hoje colam seus escritos nas ruas para desconhecidas lerem. É uma mudança e tanto, né? Dessa forma, estamos observando a construção dentro da coletiva

de espaços de formação e acolhimento das integrantes, todas somos diversos corpos precários que necessitam de condições coletivas para continuar existindo.



8. (...) No contexto da pandemia de Covid-19, o que vocês sonharam? Em quais ruas vocês gostariam de chegar? Qual é o futuro que vocês imaginam hoje para a iniciativa?

A Papel Mulher nasceu em fevereiro de 2021, ou seja, já estávamos em pandemia e, se no início achávamos que a pandemia atrapalhava a coletiva, hoje achamos que ela tenha sido importante para que tenhamos conseguido uma adesão grande de mulheres que, assim como nós, estavam cansadas de aguentarem caladas, trancadas em casa, as revoltantes notícias que recebíamos, seja de descaso do governo, aumento de casos de feminicídio, insegurança alimentar entre outras expressões da questão social... A coletiva nasce nesse cenário como um processo de fé na arte, no caso na literatura, na transformação a nível de subjetividades. Todas nós da coletiva somos Fora Bolsonaro, por exemplo, mas não são essas palavras que colamos, embora reconheçamos a força delas. Em vez disso colamos poemas como “Eu vivo no Brasil e isso é muito para se ter em um corpo” da curitibana Jessica Stori. Então, o nosso sonho é atingir alguma transformação social a partir da palavra. Sabemos que é um sonho ambicioso, mas sonhos devem ser assim mesmo. Foi também no cenário de pandemia que tivemos que pensar

estratégias de estar em contato com mulheres de diferentes localidades e construir essas redes, apesar da distância. Assim, desde o início a coletiva foi pensada para ser de abrangência nacional. O objetivo era o de chegar no máximo de ruas que pudéssemos, e ainda é nosso objetivo. O futuro que imaginamos para a Papel Mulher é que toda rua fale palavras de mulher, para que as mesmas alertem, consolem, acolham, acompanhem as mulheres que vivem ou passam por lá.

9. (...) Que coletivas ou artistas, sejam de intervenção na rua ou presentes nos espaços dos museus, são fontes de diálogo ou referências para vocês?

Desde o seu surgimento a Papel Mulher contou com ajuda de mulheres de diferentes espaços, que faziam ou não parte da coletiva, então, nossa lista de referências é bem grande. Pensamos que o próprio Laboratório de Teorias e Práticas Feministas da UFRJ e a professora Luciana di Leone sejam marcos para a coletiva, afinal a coletiva não teria nascido se Luciana não tivesse proposto um trabalho final alternativo ao que se espera de um trabalho final de uma disciplina de pós-graduação. É nesse movimento que percebemos que as redes são complexas e que cada indivíduo em seu determinado pode e deve se propor a divergir da norma, embora saibamos que esse movimento exige mais energia do que estar na norma. Nascida a coletiva, tivemos a ajuda de diversas escritoras que já tinham alguma visibilidade, entre elas, Natália Borges Polezzo, Taís Bravo, Kah Dantas, Dia Nobre, Dandara Suburbana e também do coletivo Mulheres Que Escrevem e do Instituto Cultural Rose Marie Muraro. Foram elas que impulsionaram a página quando ainda éramos muito pequenas. Atualmente esses diálogos e referências aumentam diariamente, pois sempre estamos abertas a realizar ações e articulações em rede.

LA LENGUA EN LA CALLE (ARGENTINA)

Entre os muitos afetos provocados pela pandemia apareceu o desejo de estar no espaço público, de intervir, mesmo sendo quase um contrassenso. Nesse contexto, um grupo de artistas, militantes feministas, docentes, decidiram mapear diversas ações artístico-políticas como modo de visibilizar e intervir ao mesmo tempo, principalmente no meio virtual. Assim nasceu, em pleno isolamento de 2020, *La Lengua en la Calle*, integrada por Luján Funes, Laura Bilbao, Toia Bonino, Karina Granieri, Bárbara Kaplan, Julia Masvernat e Nayla Vacarezza, como “um mapa coletivo de trajetórias que vinculam ativismo feminista e práticas artísticas. Também é o território em expansão dos nossos desejos, nossa força e nossas linguagens inventadas para mostrar a língua para o patriarcado, para a exploração de classe, para racismo e para as violências”. Esse percurso que mapeia intervenções (“La Lola Mora”, “Nosotras Proponemos”, “Las desesperadas por el ritmo”, “Cooperativa Gráfica La voz de la mujer”, entre outras) levou a construir um arquivo vivo do qual a própria língua se tornou parte. *La lengua* é a expressão de que uma curadoria é sempre uma intervenção artística e uma intervenção sempre é uma curadoria, uma grande conversa.

Para conhecer mais: <https://www.instagram.com/la_lengua_en_la_calle/> E principalmente os vídeos no canal: <https://www.youtube.com/channel/UC1NwJAgLIXV4B_kEbnpqRMA>.

1. (...) Vocês identificam no trabalho de vocês uma relação com essa tradição ou identificam outras genealogias? Quando, como e por que surge a iniciativa?

A gente se identifica com essa genealogia e, inclusive, várias de nós fizemos parte dela. Cada uma de nós, com nossas trajetórias singulares, esteve envolvida há décadas em diferentes experiências de ativismo artístico e de ativismo feminista de rua. A gente se reconhece nessa genealogia que tem uma história muito forte na Argentina e que inclusive fez parte dos movimentos que levaram à recuperação da democracia em 1983. Somos um grupo heterogêneo no qual se misturam as genealogias do ativismo feminista, da arte política, da arte conceitual dos anos 60 e 70 na Argentina, da performance e também onde convergem nossas próprias trajetórias artísticas individuais e nossas experiências em outros grupos.

Em plena pandemia do COVID-19, em agosto de 2020, nos juntamos para atender a um convite da Doutrina Criminal Feminista, um grupo de advogadas feministas, que organizava um congresso virtual. Para essa ocasião fizemos uma vídeo-cartografia onde recuperávamos o trabalho de organizações e coletivos feministas ligados à arte. Nesse

contexto de isolamento social e saudade dos encontros de rua, compartilhamos os vídeos com os participantes do congresso e batizamos nosso coletivo de "La Lengua en la Calle".



2. (...) Como são distribuídos os trabalhos entre vocês?

A distribuição de tarefas é muito orgânica. É algo que foi acontecendo naturalmente de acordo com as necessidades que temos para cada projeto. A gente se movimenta com muita flexibilidade na mudança de papéis. É verdade que cada uma tem recursos específicos que coloca à disposição do grupo e, muitas vezes, as tarefas são distribuídas desta forma porque algumas têm conhecimentos técnicos sobre gráficos, outras sobre vídeo, ou sobre performance.



As tarefas são distribuídas coletivamente com base na afinidade. Às vezes, duas de nós se comprometem na realização de uma tarefa porque têm uma afinidade prévia já contruída no trabalho conjunto. Também nos encorajamos aos desafios que envolvem fazer o que a outra propõe.

A disposição para aprender é uma das nossas premissas: fazer o que não sabemos também é um dos nossos impulsos. Aprendemos nos anos 2000, durante a crise na Argentina, a estar sempre em um lugar que vincule criação com aprendizagem. As inquietações circulam e se multiplicam, vão crescendo no grupo. A iniciativa de uma é enriquecida pela puxança, pelas ideias e pelos saberes das outras.

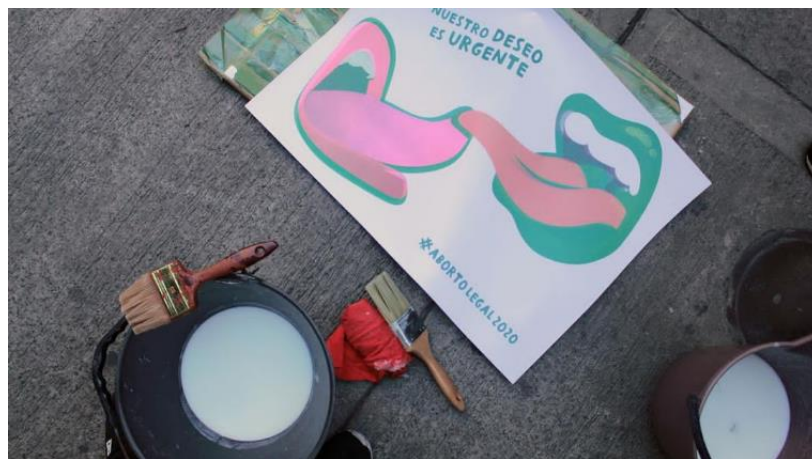
3. (...) Como vocês escolhem os materiais e as técnicas para realizar as intervenções?

Na maioria das vezes trabalhamos com o que tem, com o que está disponível no momento. Quando começamos com o vídeo, era o que dava para ser feito enquanto estávamos atravessando as restrições mais duras de circulação associadas à pandemia do COVID-19. A necessidade e o contexto nos fizeram surgir como “a língua que streameia”, realizando ações online apesar de toda nossa experiência individual anterior estar ligada ao ativismo de rua. Decidimos estudar, conhecer, investigar, trabalhamos muito para dentro e também conseguimos compartilhar os resultados em uma curadoria ativista, que recupera o trabalho de outras coletivas e companheiras que usaram a rua como plataforma de ativação feminista.

Nos interessa a gráfica política que tem uma longa história de multiplicação de imagens para propaganda e agitação política. Nessa genealogia, optamos por trabalhar com tipografias que nascem do trabalho coletivo de grupos artístico-políticos afins ao nosso, como o Laboratório Audiovisual Comunitário e Taller Popular de Serigrafia. Também investigamos a caligrafia de cada uma de nós. Nos aproximamos da gráfica com uma atitude lúdica, colocando muita da prática pictórica e de desenho.



A performance e o corpo também são muito importantes para nós como ferramentas de intervenção. O que fazemos com o corpo torna-se imagem e vice-versa. Pudemos experimentar isso quando foi possível sair para a rua novamente. Toda vez que fazemos uma intervenção, mesmo que gráfica, nosso corpo fica alerta, atento, conduzindo a ação na interação com tudo o que acontece na mobilização. A ação gráfica também é uma ação performativa, seja colando lambes pela legalização do aborto, contra a violência de gênero, ou ativando arquivos da história do feminismo na Argentina.



Aprendemos que cada situação busca suas próprias linguagens e suas próprias ferramentas. Não temos um estilo, nem uma única técnica. Escolhemos de acordo com as necessidades da situação e o tipo de intervenção que queremos fazer.

4. (...) Como vocês escolhem os momentos e os lugares, ruas ou praças, onde vão intervir?

Embora nos movimentamos pela virtualidade, consideramos que a rua e o corpo são nossos campos de batalha. Nos somamos aos acontecimentos sociais, à agenda política e à agenda feminista. Tentamos seguir seu ritmo e suas urgências. O Congresso Nacional foi palco da maioria das mobilizações e nós estivemos lá, mas também intervimos com lambes na área dos tribunais de justiça, no entorno de instituições de ensino, e nas ruas do centro da Cidade de Buenos Aires.



Na mobilização do dia 8 de março de 2021, acompanhamos a mobilização e percorremos a rua, que é nossa infraestrutura elementar e centro simbólico da ação política. Sabemos que o corpo que toma a palavra ou se movimenta no espaço também atravessa fronteiras. Somos também esse corpo que pode falar e se mover. Por isso, transformamos as palavras íntimas e antecipatórias de Úrsula Bahillo em imagens e em um grito comum que ressoa nas redes de apoio feminista. Trazemos essas palavras para a superfície dos muros institucionais. Paramos no Instituto Joaquín V. González, no Instituto Dra. Alicia Moreau de Justo, na Escola Antonio Bermejo, na Escola Normal 1 e na Escola La Salle. As instituições educativas são espaços fundamentais para a Educação Sexual Integral e para a articulação de uma educação sentimental diferente e crítica dos estereótipos. Estivemos também à porta de alguns Juizados e no Palácio dos Tribunais. Questionar o Judiciário é urgente e a reforma judicial feminista é um horizonte. Por fim, chegamos à Plaza de los dos Congresos, que nos recebeu entrelaçadas e calorosas. Ali, as

demandas se multiplicaram em todas as direções necessárias que indicam nossa fragilidade e nossa interdependência.



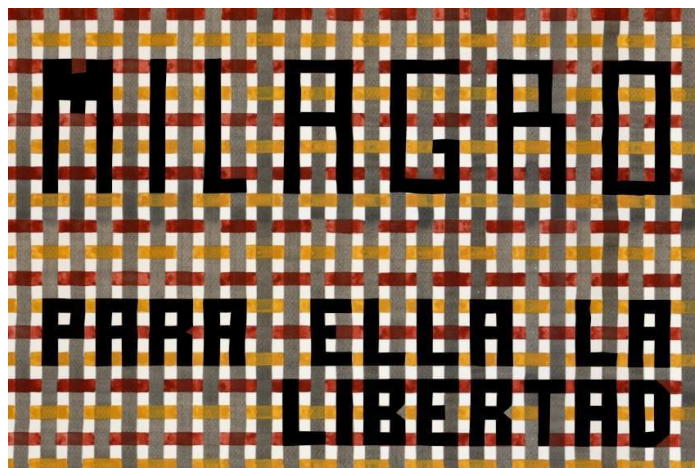
5. (...) Em quais elementos do seu trabalho vocês enxergam de modo mais forte essa contraposição ao modo patriarcal de circulação das imagens, dos corpos ou dos discursos?

Tentamos não idealizar o que está fora das instituições. Na verdade, acreditamos que é necessário que as instituições funcionem melhor, que sejam transformadas, despatriarcalizadas. Questionamos os binômios e a dicotomia entre dentro e fora das instituições. Muitas de nós trabalhamos em instituições e tentamos transformá-las de dentro, com as nossas práticas profissionais, artísticas e docentes. Sabemos também que a rua também pode ser expulsiva, violenta e patriarcal. Por isso a consideramos um espaço de disputa e não um território idealizado de liberdade.

6. (...) Como a iniciativa de vocês se utiliza das redes sociais? Quais afetos e contatos esses espaços proporcionam em comparação com a rua?

O nosso primeiro espaço de intervenção foram as redes e a internet. As consideramos um espaço público onde também fazemos intervenções e divulgamos o nosso trabalho. É mais um canal de circulação, de encontro com pessoas, com artistas, com ativistas. Convocamos por meio dessas plataformas, fazemos circular imagens, divulgamos o que já fizemos, geramos expectativas sobre o que estamos fazendo. Nas

redes encontramos companheiras conhecidas ou desconhecidas que fotografam o nosso trabalho, que nos filmam em plena intervenção, que comentam o que fazemos. É mais uma plataforma de interação. As redes também nos permitem ter outro escopo, formar mais vínculos e ir além do local.



7. (...) Para vocês qual é a melhor parte [do processo de intervenção]: a preparação e a idealização das propostas, a ação de colocá-las nos espaços da cidade ou o efeito final que elas causam? E o produto final, que peso tem?

Trabalhamos por fora das demandas da indústria cultural com a convicção do prazer e a alegria de nos encontrarmos para trabalhar juntas. Há processos que são realizados na urgência do momento, onde nos alimentamos do imediatismo da agenda feminista e de certas conjunturas que provocam respostas do movimento. Um exemplo foi o caso de Úrsula Bahillo, uma jovem de 18 anos que foi assassinada pelo ex-namorado policial, apesar de ter feito várias denúncias. Nessas situações trabalhamos sobre determinados significantes que permeiam o movimento em determinado tempo e lugar. Outros projetos precisam de tempos mais longos e vários encontros. Acreditamos que existe uma circularidade entre processo e produto. Tentamos sair da falsa dicotomia entre produto e processo, pois o produto não é necessariamente mercadoria e na maioria das vezes um produto é o início de um novo processo.

8. (...) No contexto da pandemia de Covid-19, o que vocês sonharam? Em quais ruas vocês gostariam de chegar? Qual é o futuro que vocês imaginam hoje para a iniciativa?

O nome do nosso coletivo surge justamente dessa vontade de estar na rua enquanto estávamos isoladas. Nesse momento escrevemos coletivamente um texto-poema que condensa o horizonte que traçamos para o grupo: *La Lengua en la Calle* é um mapa coletivo de trajetórias que vinculam o ativismo feminista e as práticas artísticas. É também o território em expansão dos nossos desejos, da nossa força e das nossas linguagens inventadas para mostrar a língua para o patriarcado, para a exploração de classe, para o racismo e para todas as formas de violência. O percurso nos leva à rua que hoje ansiamos e é o arquivo vivo de nossas linguagens visionárias.

Nossa participação no debate sobre o aborto foi com máscaras de proteção, pisando na rua com cuidados, mas valorizando aquele espaço de disputa como algo insubstituível. Imaginamos uma linguagem anfíbia, que pode estar e se movimentar em diferentes espaços, mas que nunca abandona a rua.



9. (...) Que coletivas ou artistas, sejam de intervenção na rua ou presentes nos espaços dos museus, são fontes de diálogo ou referências para vocês?

Para começar, todos os coletivos que fazem parte de nossa curadoria ativista foram essenciais para nosso próprio trabalho: *Campaña Gráfica Vivas Nos Queremos*, *Cooperativa Gráfica La Voz de La Mujer*, *Las Desesperadas por el Ritmo*, *ArteMa*, *Fábrica de Estampas*, *Cromoactivismo*, *Mariposas Auge*, *La Lola Mora*, *Serigrafistas Queer*, *Mujeres Públicas*, *Nosotras Proponemos*, *Informe Capital*, *Electrohacedoras*, *Dora Morgen*, *Yo No Fui* e *Laboratorio Audiovisual Comunitario*. Muitxs outrxs companheirxs e coletivos fazem parte de um mapa de referências que para nós está sempre

em expansão. Por exemplo, acompanhamos de perto o trabalho do Archivo de la Memoria Trans, Estampa Feminista, Bordando Disidencias, Las Hilando e muitos outros grupos...

Recebido em 15/11/2021
Aceito em 18/01/2021

ⁱ **Mabel Boechat** é graduanda em Letras Português-Literatura na UFRJ, pesquisa poesia contemporânea latino-americana escrita por mulheres e frequenta oficinas de poesia regularmente desde setembro de 2020. **E-mail:** mabeleatles@gmail.com

ⁱⁱ **Luciana di Leone** é Professora do PPG em Ciência da Literatura, UFRJ. Doutora em Literatura Comparada, bolsista Jovem Cientista FAPERJ. Co-coordenadora do Laboratório de Teorias e Práticas Feministas - PACC/UFRJ. **E-mail:** luciana.dileone@letras.ufrj.br

ⁱⁱⁱ **Mariana Americano** é estudante do curso de Letras - português/literaturas, UFRJ. **E-mail:** mamericano@letras.ufrj.br